

nós

NósOnline: www.div.cefetmg.br

Estudou o ensino fundamental em escola estadual (52%), fez cursinho para entrar no Cefet (57%) e está em busca de ensino de qualidade (75%). Esse é um resumo do perfil dos calouros do ensino técnico integrado de 2009 do Cefet de Divinópolis. Os dados foram apurados em pesquisa aplicada no dia 9 de fevereiro a todos os 108 alunos novatos da primeira série dos três cursos técnicos do Cefet em Divinópolis.

A consulta quis saber de que escola e rede de ensino - estadual, municipal ou particular - vieram os calouros. Outro item da pesquisa diz respeito à cidade de origem desses alunos.

A consulta também sondou o motivo que teria pesado mais na decisão do estudante de entrar no Cefet-MG. Outro tópico questionado aos alunos foi sobre a forma como se prepararam para a seleção do Cefet. A pesquisa revela os cursos preparatórios que mais aprovaram.

O estudo foi aplicado também aos calouros de Engenharia Mecatrônica. Nesse curso, ao contrário do que se apurou no técnico, os estudantes vindos de escolas estaduais são minoria. E cresceu o número de ex-alunos do Cefet de Divinópolis aprovados. É o segundo ano em que a pesquisa é feita. Veja a comparação com os dados de 2008. **Pág. 3**

raio X dos Calouros



Waiser Costa, que fez Eletromecânica no Cefet e voltou para cursar Engenharia Mecatrônica.



primeiros

Pedro, acima; Caroline e Heitor, os primeiros colocados no exame seletivo dos cursos técnicos integrados do Cefet.



pesquisa

Na pág. 3, detalhe da pesquisa sobre calouros



Coluna discute tema polêmico

O *Nós* estreia coluna com opiniões de alunos e servidores do Cefet sobre assuntos polêmicos. Nesta edição, o tema é a diminuição da maioria penal. Tramita no Congresso, projeto de lei que propõe baixar a idade mínima para alguém ser julgado, que hoje é de 18 anos. **Pág. 2**

Aluna do Cefet-MG é aprovada em três universidades federais

Bárbara Regina Altivo, que se formou no curso técnico de Vestuário no ano passado, conseguiu um feito e tanto. Ela foi

aprovada no vestibular de todas as universidades federais em que tentou a seleção. Foi Bárbara, juntamente com Matheus

Lopes de Andrade, formado em PGTI, que criou o jornal *Nós*, em 2007. Ela estagiou no projeto durante um ano. **Pág. 4**



Você é a favor da redução da maioridade penal?

Não

Todo o sistema está pensado tomando-se como base a maioridade aos 18. Para diminuir a idade mínima para punir, teríamos de revisar todo o modelo social. *Christian Herrera, professor.*

Não

O que é necessário é criarem-se penas mais rigorosas para os maiores. É a certeza da impunidade que contamina e faz o crime se espalhar até entre menores de idade. *Ana Paula, Assistente Social.*

Não

A não ser que diminuíssem também a idade para dirigir, votar, para ter acesso a todos os direitos civis, tudo bem. *Adler de Castro, aluno do 2ºB.*

Sim

O mundo mudou. O atual Código Penal é baseado numa realidade de 60 anos atrás. Um jovem de 17 anos é sim, consciente de seus atos. *Helder Antônio, assistente de administração.*

Sim

Se alguém é considerado bem informado o suficiente para votar com 16 anos, também deveria responder criminalmente por seus atos com essa idade. *Maria Teresa, Pedagoga.*

Sim

Sou a favor de que a maioridade penal caia para 14 anos. Até antes disso a pessoa já tem sim consciência de seus atos. *Alessandro Fonseca, porteiro.*

nós

Boletim informativo do Campus V

Redação, fotos e arte Professor Luiz Carlos Gonçalves
Impressão Gráfica do Cefet-MG
Campus I Campus Divinópolis do Cefet-MG
R. Monte Santo, 319 B. Santo Antônio
Divinópolis-MG Tel: 37 3229-1150
www.cefetmg.br Contato: Coordenação da
Formação Geral:
formacaogeral@div.cefetmg.br

Português será obrigatório na Argentina

O Senado argentino aprovou a inclusão de aulas de português no currículo das escolas do país. A lei obriga as instituições de ensino a oferecerem a disciplina, mas os alunos não serão obrigados a se matricular na matéria. O Brasil tem lei parecida, que introduz aulas de espanhol nas escolas, em vigor desde 2005. O Cefet de Divinópolis passou a contar com professor da língua em 2008. A norma aprovada na Argentina determina que as escolas têm até 2016 para se adequarem. Mas o próprio Senado do país vizinho reconhece que será muito complicado tirar a lei do papel. Isso porque há poucos professores de português no país de Maradona. Estima-se que apenas as províncias (estados) de fronteira com o Brasil terão certa facilidade para conseguir profissionais.



O aluno Júlio Palestini (no centro), com colegas: eles não gostaram

Direção da escola decide manter o portão fechado

Como sempre, o Cefet de Divinópolis recebeu os alunos no início do ano letivo de portas abertas. Mas só até as 7h10 da manhã. Depois desse horário, abrir o portão, só com autorização especial, exceto ao fim das aulas. O que pode parecer normal na maioria das escolas, não é um costume nos campi do Cefet-MG. Por isso, a decisão da direção do campus de Divinópolis de impedir que os alunos saiam e entrem sem dar satisfação não chega a ser uma unanimidade, principalmente entre os veteranos. “Não gostei. Um grande atrativo dos Cefets é justamente a liberdade de ir e vir; fechar o portão quebrou isso”, reclama o aluno Júlio Palestini, do 2º PGTI. Segundo o diretor da es-

cola, o professor José Maria Vieira, a medida visa à segurança dos alunos. “É uma forma de se evitar a entrada de estranhos e até que alunos sofram algum acidente na rua quando deveriam estar na sala-de-aula”, diz. Os alunos podem sair na hora do intervalo e o controle não vale para estudantes do curso superior. Quanto ao fato de o fechamento dos portões não ser comum em outros Cefets, a pedagoga da escola Maria Teresa Dornas alega que os alunos estavam “mal acostumados”. “Em Araxá, ninguém sai do campus na hora das aulas”, diz ela. “Além disso, os alunos não estão presos; para sair basta justificar”, completa. O aluno que chega após o fechamento dos portões recebe uma advertência.

Mec vai tornar ensino médio obrigatório

O Governo do Brasil espera aprovar no Congresso, neste semestre, projeto de lei que torna o Ensino Médio obrigatório a partir de 2010. O Ministério da Educação (MEC) está finalizando a proposta. Hoje, apenas o ensino fundamental (6 a 14 anos) é obrigatório no Brasil. A intenção é reduzir o percentual de jovens nessa faixa etária fora da escola, que hoje é de 18%. A pré-escola também será obrigatória a partir do ano que vem, se o Parlamento aprovar a medida. Argentina e Chile, países tidos como avançados em educação, na América do Sul, já ampliaram a obrigatoriedade de estudo para o ensino médio. Na prática, a obrigatoriedade dá mais poderes judiciais ao Ministério Público ou a qualquer outro órgão de defesa do cidadão para cobrar o acesso à escola. Com a aprovação da lei, prefeitos ou governadores, por exemplo, podem ser cassados caso não ofereçam vagas nesse nível de ensino. Os pais também poderão ser punidos até com a perda da guarda se deixarem seus filhos de 15 a 17 anos fora do ensino médio.

Merenda - O Governo do Brasil estendeu o fornecimento de merenda aos alunos do ensino médio. Segundo o Mec, essa mudança entra em vigor neste semestre, através de medida provisória. O Ministério, no entanto, não informa se os Cefets também receberão o benefício.

CALOUROS 2009

Cetepe é a escola que mais aprova no Cefet

Escola da rede municipal é de onde vieram 13% dos calouros do técnico; E.E. S. Francisco de Assis é a 2ª: 9%

A rede municipal de ensino de Divinópolis se destacou na última seleção do Cefet-MG. Além de aumentar o número de aprovados de 16% do total em 2008 para 21% em 2009, teve o 1º lugar geral e a escola com maior número de aprovados, o Cetepe, que subiu de 9% do total de calouros em 2008 para 13% este ano. Em seguida está a Escola Estadual São Francisco de Assis, instituição de origem de 9% dos novatos. Em terceiro lugar aparecem duas escolas particulares: o Instituto Sagrado Coração de Jesus e a Vértice Uno, com 5% cada uma. No geral, 52% dos calouros vieram de escolas estaduais. As particulares aparecem em segundo lugar, com 27%, enquanto 21% dos calouros concluíram o ensino fundamental em escolas mantidas pela Prefeitura de Divinópolis. Curiosamente, os primeiros colocados nos três cursos técnicos vieram cada um de uma rede de ensino. Pedro Henrique Rocha, 1º lugar geral e no Eletromecânica, sempre estudou no Caic, escola municipal do Bairro Serra Verde. Já o 1º lugar do PGTI ficou com Heitor Augusto, de Itapecerica. Ele estudava na rede particular de ensino. No Vestuário, a 1ª colocada foi Caroline Manso, que até 2008 estava na Escola Estadual São Francisco de Assis.

Quanto à cidade de origem dos calouros, a pesquisa aplicada pelo *Nós* mostra que Divinópolis é o lar de 79% dos alunos da 1ª série. Itapecerica vem em seguida, com 6%. O restante dos novatos é de outras nove cidades de Minas.

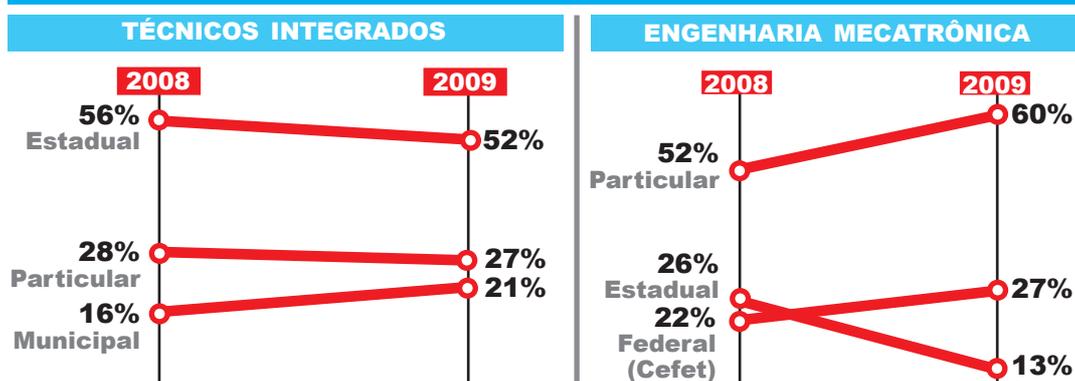
A maioria dos calouros (75%) respondeu à pesquisa que está no Cefet por causa da qualidade de ensino. Já 11% alegaram "afinidade com o curso". Outros 6% admitem terem sido atraídos pela qualidade do conteúdo do Ensino Médio da escola, enquanto 3% alegam terem apostado na "fama do Cefet". Percentual igual não soube responder a essa pergunta e 2% disseram que entraram na escola para satisfazer desejo dos pais.

Este ano, 57% disseram ter feito algum tipo de pré-Cefet para ingressar na escola. Desse contingente de alunos, o curso que mais aprovou foi o Opção (53%). Em segundo está o Pitágoras (18%). Em terceiro, aparece o Curso Beta (10%), seguido do Alfa Coc, com 6%. Outros cursos juntos somam 13%. A turma com menos alunos que fizeram esse tipo de curso é o PGTI: 47%. Proporcionalmente, o maior número de calouros que fizeram pré-Cefet está no curso de Vestuário: 67%.



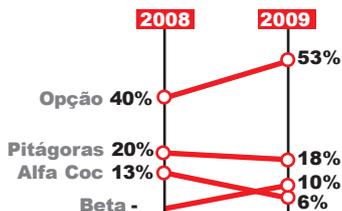
Calouros do Vestuário Intregrado posam para foto: 67% deles fizeram curso preparatório para o Cefet

DE QUE REDE DE ENSINO VOCÊ VEIO?



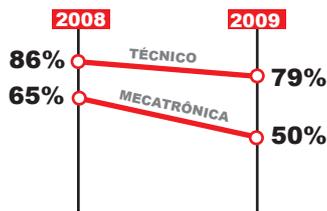
CURSOS PREPARATÓRIOS

57% dos aprovados no técnico fizeram pré-Cefet. Veja a participação de cada curso dentro desse total.



ALUNOS DE DIVINÓPOLIS

Percentual de alunos dos cursos técnicos e superior que declararam ser de Divinópolis.



POR QUE MECATRÔNICA?

Razão para se ter escolhido o curso



Fonte: Pesquisa feita pelo *Nós* em 09/02/09

Mecatrônica - A pesquisa também foi aplicada aos alunos novatos do curso de Engenharia Mecatrônica. O perfil muda bastante quando comparado ao dos alunos dos cursos técnicos, em que as escolas da rede estadual respondem por mais da metade dos calouros. No curso superior, esse índice não passa de 13%. A maioria veio da rede particular: 60%. Em seguida aparece a rede federal, origem de 27% dos calouros.

Esse último dado demonstra um crescimento no número de alunos do próprio Cefet no Curso de Mecatrônica. Todos são ex-estudantes do ensino técnico do campus de Di-

vinópolis. Em 2008, esses alunos respondiam por 22% do total. A maioria concluiu o curso técnico no ano passado. Waiser Costa Gonçalves é uma exceção. Ele estudou no Cefet em 2002 e até o ano passado fazia Engenharia Civil na Uemg, curso que trocou pela Mecatrônica. "Estou achando o curso do Cefet bem mais exigente. Algumas matérias, como Cálculo, são mais fortes, exigem bem mais aqui do que no meu outro curso", conta.

Este ano, 50% dos calouros do Mecatrônica são de Divinópolis. Em 2008 eram 65%. Itáuna vem em segundo, com 10% dos alunos. O restante pertence a outras nove ci-

dades. O número de aprovados que fizeram curso pré-vestibular é de 67%. O principal motivo apontado pelos novatos para terem ingressado em Engenharia Mecatrônica é a "afinidade com o curso", resposta de 53%. Já 27% citaram o prestígio da rede federal de ensino como justificativa.

Como foi feita a pesquisa

A pesquisa, estimulada e em formulário impresso, foi aplicada a 30 dos 36 alunos do 1º período do curso superior de Engenharia Mecatrônica e a todos os 108 alunos novatos dos cursos técnicos, no dia 9 de fevereiro.

VESTIBULAR

Estagiária do Nós fará jornalismo na UFMG

Ex-aluna do Vestuário foi aprovada nas três federais em que prestou vestibular, sem a ajuda de cursinhos

Para quem duvidasse da sua vocação, ela deu um recado bastante contundente: foi aprovada em três cursos de comunicação social. Bárbara Regina, que concluiu o curso de Vestuário em 2008, passou em Comunicação Social na UFMG, em Ouro Preto e em Viçosa, três das maiores universidades públicas do estado. Bárbara quer ser jornalista. Ela optou pela UFMG, onde foi aprovada em 7º lugar: “além de o curso de lá ser mais tradicional, está em um grande centro, onde eu terei mais facilidades de progredir”, explica. Até 2008, Bárbara foi bolsista do Bic-Jr, em projeto que criou o jornal *Nós*. Ela e Matheus Lopes de Andrade, formado no ano passado em PGTI, ajudaram a conceber o projeto gráfico e editorial do boletim, além de serem redatores. Matheus também foi aprovado em Comunicação Social, em Viçosa, mas optou por cursar Medicina em Belo Horizonte.

Qual foi sua rotina de estudos? Dediquei quatro meses à revisão, sem a ajuda de cursinho, dos conteúdos cobrados nos vestibulares. Todas as tardes em que não havia aulas do técnico, além das noites de segunda a sexta e das manhãs de sábado, foram preenchidas com

leitura e resumo de matérias e resolução de exercícios.

Foi fácil conciliar o técnico com o vestibular? Nem um pouco. Mas quando passei a revisar matérias para o vestibular, eu já havia sido aprovada no técnico.

Por que jornalismo? Informações circulam incessantemente pelo mundo. Compreender esse processo e interagir sistematicamente com ele, para mim, é exercer um grande poder dentro da sociedade. Sempre me interessei muito pelo modo como ideias são transmitidas e absorvidas pelas pessoas. Desenvolver o projeto do *Nós* consolidou minha escolha.

Além da escola, que atitude ou hábito seu você acha que colaborou para sua aprovação? Por mais clichê que seja dizer isso, meu gosto pela leitura foi decisivo para a minha aprovação. Eu já estava acostumada a lidar com textos e a interpretá-los, o que é a base para a resolução de qualquer prova.

Em que segmento do jornalismo você pretende atuar? Simpatizo bastante com o jornalismo voltado à redação de jornais e de revistas. Os assuntos que mais me interes-

“Meu gosto pela leitura foi decisivo para minha aprovação”

sam são política e arte.

Que papel você imagina que o curso de Vestuário terá na sua carreira? O curso me fez ver o vestuário por uma nova perspectiva, a de quem fabrica e não apenas consome roupas. Também entendi a importância da ação coletiva diante de problemas. Isso porque minha turma se mobilizou para protestar contra graves falhas estruturais do curso. Esse comportamento resultou em mudanças e alertou para a urgência de uma remodelagem, com o perdão do trocadilho, do curso de Vestuário.

Que lembrança você acha que vai guardar para sempre do Cefet? Não vou me esquecer das grandes pessoas que conheci. Guardarei os momentos de alegria e as vezes em que pensei que não fosse suportar tantos deveres, tanta pressão que eu mesma impus sobre mim. O período em que estudei no Cefet me marcou de uma maneira incrível. Enfrentar tantas tarefas me fez ser mais tolerante. Hoje, com o fim dessa etapa, tenho a sensação empolgante de que ainda existem infinitas coisas a serem descobertas.



Professores participam de oficina da Copeve

Professores do Cefet de Divinópolis dedicaram o mês de fevereiro ao estudo de técnicas de avaliação. Foram dois eventos com o tema. O primeiro, aberto a todos, fez parte da Semana Pedagógica, que aconteceu de 2 a 5 de fevereiro, no Cefet de Divinópolis. Foram ministradas palestras que, entre outros temas ligados à educação, refletiram sobre formas de se elaborarem provas. Já no dia 14, professores do campus de Divinópolis se juntaram a outros do campus I, em uma oficina sobre elaboração de provas para vestibulares e concursos públicos.

O evento foi promovido pela Comissão Permanente

de Vestibular do Cefet (Copeve) e foi dividido em dois blocos. No primeiro, os professores assistiram a uma apresentação sobre as normas e técnicas utilizadas pela Copeve, além de debaterem sobre o tema. Em um segundo momento, os participantes tinham de elaborar questões de prova com base nessas especificações. “Gostei muito porque apesar de a oficina ter sido voltada para a elaboração de provas de vestibular, muito do que foi visto terá reflexo imediato na forma como eu trabalho na sala-de-aula”, conta a professora de História Flávia Aparecida, do campus V. De Divinópolis, participaram do encontro, que era apenas para professores efetivos, Fer-



A professora Flávia, de História, durante o encontro no campus I

nando Lemos e Luiz Carlos (Português), Marcos Paulo (Física), Rônei Sandro e Emerson Sousa (Matemática), José Maria (Biologia) e Flávia Aparecida (História), além dos professores da área técnica William Sallum e Aparecida

(PGTI) e Nelson Estêvão (ELM). A ideia da Copeve é selecionar professores das matérias do ensino médio do Cefet de Divinópolis para comporem a comissão juntamente com outros de Belo Horizonte.